

Cidade e memória: “cidades invisíveis”

Professor Doutor Francisco Alcides do Nascimento
Universidade Federal do Piauí/Núcleo de História Oral

Resumo:

Como pesquisador da Universidade Federal do Piauí, titular do grupo de pesquisa do CNPq *Cidade, tempo e espaço* e coordenador do Núcleo de História Oral da UFPI tenho desenvolvido, nos últimos dez anos, pesquisas que agrupam temáticas relacionadas à cidade de Teresina de modo particular e à cidade de modo geral, bem como orientado alunos da graduação e pós-graduação que têm a cidade como tema de seus trabalhos. Discutindo cidade tenho lançado mão da metodologia da História Oral, construindo fontes, uma vez que essa metodologia permite ampliar o leque de informações, colocando para dentro da história atores sociais que foram esquecidos ou silenciados no processo de modernização das cidades. Este artigo dialoga com as cidades que estão nas memórias de nossos entrevistados, cidades com temporalidades e espaços bem definidos. Na construção desta narrativa histórica nos apoiamos nas discussões sobre a relação entre história e memória que a historiografia brasileira realizou nos últimos anos, bem como as discussões sobre cidade. O resultado desta mistura é uma cidade que faz parte do mundo imaterial.

Palavras-Chave: Cidade, Memória, lugar, Teresina

ABSTRACT

As a researcher of the Universidade Federal of Piauí of the CNPq research group *City, time and space* and as coordinator of the Oral History Center of UFPI, I have developed, in the past ten years, researches that set thematic linked to Teresina city, particularly, and linked to the city as a whole, as well as oriented student of graduation and pos-graduation who have the city as a theme of their papers. Discussing city I have used the Oral History methodology, constructing sources, because this methodology permits to amplify the fan of information, placing, into the history, social characters who were forgotten or silenced in the modernization process of the cities. This article dialogues with the cities that are in memories of our interviewees, cities with temporalities and spaces well defined. In the construction of this historical narrative we based ourselves in discussions about the relation between history and memory that the Brazilian historical production did in the past years, as well as the discussions about city. The result of this mixture is a city that belongs to the immaterial world.

Key Words: City, memory, place, Teresina

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

O historiador chamado a produzir um texto seja sobre que temática for recorta, seleciona etc. A constituição do objeto histórico não se faz pela sagração de alguns textos (como legítimos) e a exclusão dos outros (como falsos): o conjunto de documentos selecionados pelo historiador, que por sua vez, também é orientado pelas fontes. Jean Starobinski, sobre essa questão, nos lembra que “[...] a escolha de um objeto de estudo não é inocente, mas supõe já uma interpretação prévia, inspirada no nosso interesse atual” (1995, p. 132). A maneira como o historiador olha para as fontes é fundamental na compreensão do trabalho dele. Por outro lado, “[...] por maior que seja a liberdade com que pretendemos escolher os nossos objetos e os nossos métodos, só o podemos fazer recorrendo à linguagem e aos instrumentos que nos transmitiu a história” (Idem, p.143).

Em questões de história, talvez não haja verdades nem mentiras: nenhuma história, enquanto produção do conhecimento é real, pelo contrário, o real é que às vezes acaba sendo percebido sob formas que o discurso histórico construiu sobre ele, até para torná-lo inteligível.

A idéia de abordar uma cidade imaginária não é original, aliás, Machado de Assis abordou em suas crônicas os costumes cariocas não apenas com uma cidade, mas com um continente inteiro. Machado, como é sabido, nunca saiu do país, contudo, descrevia costumes europeus como se fosse um turista com muitas milhas de experiências. Era um turista imaginário, um observador perspicaz do real como poucos e que sabia usar como ninguém a arte de ouvir. Entre nós H. Dobal, traça um belo perfil da Teresina dos anos 50, e início dos 60 em *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*.

Saber ouvir também é uma prática que deve ser desenvolvida por aqueles que enveredam pelo caminho da História Oral. Foi ouvindo pessoas, que falaram sobre suas vidas e a cidade onde moram, ou moravam, que nasceu a idéia de construir este artigo. Nele, não se trata de todas as cidades lembradas pelos entrevistados, mas de Teresina, a capital do Piauí. A Teresina que revelam em seus depoimentos já não existe enquanto espaço construído, e sim enquanto memória. Essa cidade poderia ser arrolada entre aquelas descritas por Ítalo Calvino em "Cidades invisíveis". Diomira, por exemplo, era desconhecida de Marco Polo, mas, ao avistar alguns símbolos nela existentes, o viajante veneziano teve a impressão de já tê-la visto; e a razão disso era conhecer os símbolos ali existentes em outras cidades por onde já havia passado (1995).

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

Segundo Paulo Sérgio Rouanet (1997), muitas cidades derivam diretamente de concepções do mundo dos seus idealizadores/construtores. O homem é um ser desejante e a cidade sonhada por Antonio Saraiva deveria se transformar em centro dinâmico da economia e sociedade piauienses. Foi pensada para alavancar o progresso no Piauí, e sua posição do ponto de vista geopolítico a indicava como o motor do desenvolvimento da Província. Tenha a cidade nascido na "Chapada do Corisco" e, alcançado o seu desiderato ou não, foi desejada. Assim como Isidora era a cidade dos sonhos de Marco Polo, Teresina era a cidade dos sonhos de Saraiva. "A cidade sonhada o possuía jovem [...]. Na praça, há o murmurinho dos velhos que vêem a juventude passar" (CALVINO, 1995, p. 12). Em Teresina, os velhinhos da cidade que se concentram na Praça Rio Branco recordam daquela praça onde participaram de encontros e desencontros e, de vez em quando, são obrigados a "viajar", "voltando à mocidade [...] no divino milagre da saudade" (NAPOLEÃO, 1980, p. 162).

O texto faz uso da relação entre a história e a memória. A discussão sobre essa relação ganhou espaço nos anos de 1990, quando as experiências individuais, como disse antes, voltaram a ser valorizadas, deixando-se para trás a idéia de que as fontes não são apenas os arquivos e as bibliotecas, depositários dos documentos, por excelência, como defendiam os positivistas e neo-positivistas. A paisagem, a forma da cidade, a expressão gestual das pessoas, as experiências individuais, como dizia o poeta Martins Napoleão, podem se transformar em "fonte divina de onde brota o consolo do presente, mas pode ser também fonte da infinita consciência de si mesmo" (1980, p. 62).

A história da cidade que brota dos recortes de entrevistas/depoimentos colhidos através da metodologia/técnica da História Oral será transformada em palavras escritas. As pessoas têm as suas lembranças narradas, as quais não podemos reviver porque não compartilhamos da cidade; descrita, partilhamos sim de uma cidade onde a relação entre a memória e o esquecimento pode ser objetivada por meio de um discurso. Não podemos esquecer, entretanto, que o espaço de uma rua ou de uma praça funcionam como um "detonador" das lembranças e também como documento/monumento. "Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às seqüências de elementos que a eles conduzem, à lembrança ou experiências passadas" (LINCH, 1999, p. 2). Cada uma das pessoas ouvidas fez associações com a cidade, e a imagem que cada uma faz desse espaço está impregnada de lembranças e significados.

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

O nosso objeto, como foi dito, é uma cidade imaginária e essa condição nos remete a uma questão fundamental, qual seja, esse objeto é impalpável e, por essa razão, os limites temporais e espaciais são necessariamente fluidos.

O paradigma estruturalista, durante longo período, deixou na penumbra as testemunhas individuais, consideradas pouco confiáveis devido à sua grande carga de subjetividade. A preocupação recaía sobre o caráter objetivo da história. Essa questão nos remete à oposição entre *objetividade x subjetividade*, que, hora ou outra, permeia a discussão historiográfica, quando provavelmente a compreensão do fenômeno social parece ser traçada através da relação de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material, e advindo daí necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e os objetos apresentam (MINAYO, 1999).

A influência positivista, marcante nas ciências sociais, serviu como pilar de sustentação para os historiadores negar em maior atenção à relação entre história e memória. "Para, eles a memória não era confiável do ponto de vista da análise historiográfica. O exercício da escrita da história representava uma exclusão do campo da memória" (ARRUDA, 2000, p.31).

Maurice Halbwachs (1990), um dos precursores da discussão sobre a memória, enfatiza diferentes elementos que considera como estruturadores de nossa memória e também presentes na memória coletiva da qual fazemos parte. Entre eles incluem-se os monumentos, chamados por Pierre Nora (1993) de "lugares da memória". Nora lista alguns desses lugares, tais como o "patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música e, por que não, as tradições culinárias (POLLACK, 1989, p.3).

Com relação ao primeiro aspecto, a realidade de Teresina demonstra que nem sempre os edifícios construídos servem de referência durante toda a nossa vida. Aliás, esse parece ser um problema relacionado ao Brasil inteiro, onde a sedução pelo novo tem nos deixado sem algumas referências. Por sua vez, um antropólogo europeu, em visita ao Brasil e passando por São Paulo, teria dito que as cidades na América Latina não envelhecem, evidenciando uma crença generalizada de que o novo foi posto em oposição ao velho e que o

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

velho é para ser destruído ou jogado fora. É provável que esteja aí a raiz do desrespeito aos homens e mulheres, que, como alguns dizem, vivem a terceira idade.

Retomando o tema em questão, Ribamar Ramos, poeta que durante a juventude morou em Teresina, ao retornar, depois de longa temporada de ausência, teria afirmado para um amigo que não voltaria outra vez à cidade. O seu interlocutor teria perguntado a razão dessa decisão. A resposta foi imediata: "a Teresina do meu tempo já não existe mais. Demoliram o *Café Avenida*; o *Bar Carvalho* e seu cozinheiro espanhol não fazem mais parte da paisagem da praça Rio Branco." Percebe-se que a cidade do "tempo do poeta" é posta em oposição à cidade visitada, o qual lhe é desconhecida e diante da qual ele sente um certo estranhamento. A cidade latente em sua memória é desvelada e ganha um novo suporte, a história.

A cidade de Ramos resulta do exercício de lembrar que, no lugar de um estacionamento, existia o "Café Avenida", local onde a elite intelectual, até o início da década de 1940, se juntava para discutir os últimos acontecimentos da cidade, do país e do mundo, planejando transformá-los de forma profunda.

Nas manhãs de domingo, os moradores do centro da cidade vestiam a melhor roupa, e a elite aproveitava para apresentar as últimas novidades na moda de vestir, copiadas das revistas especializadas; o corte de cabelo à moda das musas hollywoodianas também era copiado, sendo palco do desfile a Praça Rio Branco, onde está plantada a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, a padroeira da cidade. O pároco conseguia levar para a solenidade músicos que conduziam a missa para além de um ato litúrgico.

Embora não se pretenda aqui uma discussão em torno da questão da memória individual e da memória coletiva, nossa preocupação está relacionada com memória coletiva, todavia é difícil pensá-la de forma independente da memória individual. Quem lembra é o indivíduo, mas existe nele uma espécie de negociação entre elas na tentativa de conciliá-las.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (POLLACK, 1989, p. 3).

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

As memórias dos vários sujeitos aqui trabalhadas concordam que a cidade recordada era ainda muito pequena, sendo os limites estabelecidos entre as ruas Desembargador Freitas e Olavo Bilac, no sentido norte-sul, e os dois rios no sentido oeste-leste. Há ainda o calçamento, por exemplo, que alcançava o adro da Igreja de São Benedito, construída no "Alto da Jurubeba". O calçamento começa a chegar ainda nos de 1940, com a construção do mais antigo hospital público da cidade, depois da Santa Casa de Misericórdia, a qual os médicos que fizeram parte do grupo que construiu e inaugurou o hospital "Getúlio Vargas" consideravam velha demais e sem recursos para atender à população de forma adequada. A penitenciária também é lembrada, às vezes, como símbolo de muitas injustiças; outras, como lugar de torturas e mortes, lembranças que teimam em voltar.

Houve muita prisão [...] Eu fui encarregado pelo interventor de examinar as chefaturas de serviço de polícia, porque corria o boato de muitas prisões e que haviam maltratos. Foi quando eu fui em nome do interventor, juntamente com outro médico, o Doutor Antenor Neiva, fazer o serviço. De fato verificamos que havia muitas prisões, muita gente presa e muitos deles maltratados, surrados, um deles até morreu logo no dia seguinte, se não me engano, um senhor Feitosa. Esse apanhou muito, sabe?" (BARBOSA, 1996).

Policiais militares que prestavam serviço naquela oportunidade chegaram a listar locais onde prisioneiros eram torturados para acusar adversários do Governo. Mas todos negam qualquer relação do interventor com esses crimes.

O doutor Leônidas era um homem de muita boa fé e confiou tudo a esse cidadão. E, apesar das advertências que ele recebeu muito antes, continuava. O que Evilásio estava tentando era desestabilizar, ele só foi se desvencilhar do Evilásio, pouco tempo antes de deixar o governo e ser deposto em 1945 [...] No meu entender quem provocou isso foi o Evilásio. Agora, por que continuaram os incêndios até 1946? Por que continuaram? Eu acho que os incêndios, como tinha sido uma arma política muito forte, foi através dos incêndios que Teresina toda se mobilizou em torno da oposição. Interessante, a UDN sempre foi um partido de elite em toda parte do mundo (NUNES, 1997).

Os acontecimentos de que tratam os dois trechos de memória indicam como se constroem certas histórias. Os dois extratos de entrevistas mencionados acima são representativos daquilo que estamos chamando de memória coletiva, mas, como dissemos

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

antes, existe uma negociação entre a memória coletiva e a memória individual. Esta é criada a partir de impressões culturais que a organizam e também de impressões próprias do que é emocionalmente básico para cada um. Essas impressões se organizam numa estrutura de narrativa diferente. Um dos entrevistados conheceu o comandante da polícia acusado de ser incendiário e a marca deixada pelo policial é a de um homem de educação esmerada, cordato na forma de tratar. Nosso entrevistado dizia desconfiar desse comportamento. Mesmo sem poder provar, achava que o policial era responsável pelos incêndios:

Ele [Evilásio Vilanova], Chefe de Polícia, Comandante da Polícia Militar, chegou aqui vindo do Pará, era amigo do meu pai [...] meu pai tinha uma relacionamento com ele porque meu pai era prefeito de Regeneração, nossa cidade lá no interior. Evilásio morava na rua Paissandu, naquele quarteirão entre a praça Pedro II e o Karnak. Ele morava no lado esquerdo de quem sobe vindo da Paissandu [...] A evidência que se chega, que eu cheguei era de que o autor de toda essa história era o Chefe de Polícia. Por que ele fazia isso? Para impopularizar o Doutor Leônidas e assumir o seu lugar. Era muito ambicioso, eu acho que desejava, em última instância isso [...] Então, no meu entender, quem provocou tudo isso foi o Evilásio (NUNES, 1997).

Nesse recorte de um dos sujeitos dessa história, ele inicia tratando da relação pessoal que o pai tinha com o principal acusado pelos incêndios ocorridos em Teresina, entre 1940 e 1947, mas, em seguida, faz questão de frisar que tal relacionamento é decorrente do cargo que o pai ocupava na oportunidade. O entrevistado chegou a ver o Chefe de Polícia algumas vezes. A recordação permite que se aluda aos dois tipos de memória, a individual e a coletiva. Quando acusa Evilásio Vilanova, o faz dizendo que chegou àquela opinião baseado em alguns argumentos empregados por aliados do governo que tinham a pretensão de encontrar um "bode expiatório". Era muito mais fácil acusar alguém que não pertencia à elite local, a tentativa de responsabilizar um integrante dessa elite não deu em nada, no sentido de lhe macular a imagem, de colocar a sociedade contra ele, muito pelo contrário, o transformaram em vítima e o fizeram o deputado mais votado após o fim do Estado Novo.

Assim também, quando afirma que Teresina se transforma numa cidade udenista, o faz a partir de uma visão da coletividade, que permite a sua avaliação pessoal. A memória individual, segundo Halbwachs, é um ponto de vista sobre a memória coletiva, sendo apenas uma configuração individual assumida pelo cruzamento das diferentes séries de lembranças, reminiscências, emoções e imaginações que compõem a memória coletiva.

A caracterização de Evilásio Vilanova como um homem ambicioso também é uma visão individual, entretanto o discurso de que o Chefe de Polícia pretendia desestabilizar o governo de Leônidas Melo faz parte da memória política do período. Essa é uma forma de encontrar alguém que possa assumir toda a responsabilidade das aflições sofridas pela população mais pobre, a qual termina incorporando esse discurso. Entre aqueles que tiveram as casas queimadas, quase ninguém afirma literalmente que era Evilásio Vilanova quem ateava fogo nas casas, mas diziam ouvir falar que quem o fazia era ele mesmo. As recordações são pessoais somente na medida em que for possível serem atravessadas por correntes de pensamento coletivo, formando uma configuração de maior complexidade, que ajuda na compreensão de fatos sociais.

No recorte dessa memória, a cidade aparece de forma clara através de monumentos que ainda hoje fazem parte da paisagem de Teresina, o Palácio de Karnak, a Rua Paissandu, a Praça Pedro II são lembrados para servirem de referências dos locais onde moravam o entrevistado e a personagem da qual trata. Em determinado momento, a rua Paissandu é confundida com a zona de prostituição existente naquele logradouro público, local sempre lembrado por aqueles que foram ouvidos nesta pesquisa.

A cidade não dispunha de muitos lugares onde a população de sexo masculino pudesse divertir-se depois das nove horas da noite, quando a cidade ficava às escuras e as "moças de família" voltavam para casa. A Paissandu não era apenas o local onde adolescentes faziam a iniciação sexual, aprendiam a dançar e os homens casados tinham aventuras fora de casa; era também um espaço alegre onde amigos se reuniam para beber cerveja, único local aberto depois que o corneteiro do quartel da Polícia Militar avisava que era "hora de recolher". Ali se reuniam aliados políticos que se ocupavam em traçar planos para a próxima estocada no adversário ou planejar as estratégias para a campanha eleitoral próxima ou em curso.

Algumas casas noturnas daquele espaço de sociabilidades ficaram na memória coletiva masculina pelo brilho de suas festas tocadas por músicos oriundos da banda de música da Polícia Militar, pela ornamentação colorida que brilhava com iluminação artificial, contrastando com a escuridão que fazia do lado de fora. Pode-se apreender esse espaço em depoimentos como o do senhor Joaquim Ribeiro Magalhães:

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

Havia sido famosa uma tal de Rosa Banco, que já não era tão famosa. Ela já estava idosa e poucas pessoas freqüentavam sua casa, só os velhinhos costumeiros. Nesse tempo, o movimento com orquestras boas, excelentes constituídas pelos melhores músicos da polícia, à paisana, iam tocar na Raimundinha Leite. Um salão muito grande para dança, um terraço muito grande para as mesas. Todas as toalhas que cobriam as mesas eram de linho. As mulheres que dançavam trajavam roupas caríssimas e aquelas pessoas mais idosas ficavam sentados, tomando cerveja e o assunto era a política. O assunto era ainda condenando o governo de Leônidas (1996).

Esse lugar limpo e asseado para onde se deslocavam os mais abastados contrasta com outro espaço de prostituição onde as casas eram construídas com a palha do coco babaçu. Mulheres preparavam comida barata para vender aos homens que trabalhavam na carga e descarga dos barcos que subiam ou desciam o rio.

Era o submundo. Era onde se juntava a prostituta mais barata, mais desprevenida, mais cabocla, mais atrasada, que chegava ali dos interiores, e o caboclo mais pobre que ia beber cachacinha. As bancas espalhadas pela região da cidade denominada de Palha de Arroz, mas que também era conhecida por Barrinha, vendiam cachaça pura. Era pra aquele homem mais pobre, caboclo mesmo, pobre operário pobre, o homem serviçal, os vigias, que, durante o dia, iam gastar o seu dinheiro com aquelas mulheres, podíamos chamar de terceira, de quinta categoria. [...] A Palha de Arroz foi o lugar mais sacrificado das casas. Mas sacrificados foram outras regiões, como aqui o Cajueiro, como ali próximo à ponte do Mafuá, ali mesmo perto da estação do trem. Entrou, entrou fogo. Era um mistério (MAGALHÃES, 1996).

Essa descrição, em parte, contrasta com um discurso que caracteriza Teresina como uma cidade limpa,

[...] de ruas calçadas, largas e arborizadas, praças públicas dignas de uma grande capital, como as praças Deodoro, Rio Branco, Pedro II e João Luís [...]. Está prestes a ser terminada a avenida Presidente Vargas, medindo quarenta metros de largura e dois quilômetros de comprimento” (DIÁRIO OFICIAL, 1941, p. 3)

A cidade do discurso oficial é aquela do centro, onde se concentram os olhares dos administradores que atendem às demandas da elite local, dos cronistas que visualizam, mais que isso, sonham com uma cidade que pode ser comparada, na sua organização, aos principais centros do país. Mas existe outra cidade sobre a qual dificilmente se fala, e quando

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

isso é feito é porque ganhou as páginas policiais. O nosso entrevistado olha com um certo preconceito para o local onde homens do povo trabalham e se divertem. "Barrinha", "Palha de Arroz" são locais onde o trabalhador, ao modo daqueles que freqüentam a Paissandu, faz o lazer que pode fazer, cria uma identidade.

O entrevistado traça mentalmente um mapa de regiões da cidade onde habita a população pobre. Começa pela Palha de Arroz e nos informa que essa área foi a que mais sofreu com os incêndios, argumentando que a razão era ser ali lugar "perigoso", o submundo, expressão que representa o conjunto dos marginais visto como grupo organizado, mas pode significar também o conjunto daqueles que estão fora do mundo do autor do discurso, dito de outra forma, não fazem parte do mesmo lugar social daquele que conta.

Mas, voltando ao mapa invisível do entrevistado, deixando a Paissandu, o próximo espaço é o "Cajueiro," que também possuía zona de prostituição e sobre o qual os cronistas fazem uma imagem muito ruim.

Depois das 6 horas da noite, só ia para o lado do Cajueiro quem tinha negócio, gente da pesada. Não conheci o famoso o Pedro Toco, que vivia batendo em gente a toda hora. Nesse tempo a pessoa que mais afligia o bairro era o Basilão dos Cajueiros, filho do ilustre Major Sotero Basílio, um rapagão de um metro e noventa e cinco a dois metros. Muito físico e bebia muito e, depois de embriagado, tornava-se valente. Era o mesmo o que aconteceu com o Pedro Toco, que só tinha uma perna e armado de cacete encostava em alguma coisa que ele encontrasse, com sua muleta, chegou uma vez a deixar prostrados mais de dez soldados da policia que o foram prender. (MAGALHÃES, 1996).

Mesmo que haja algum exagero, os dois personagens transformaram-se em monumentos da cidade e, especialmente, daquele bairro. Não há morador das imediações daquela região que não tenha ouvido falar das proezas de Pedro Toco e de Basilão dos Cajueiros. Mas o bairro também oferecia festas nos finais de semana e comidas típicas. A galinha caipira e a panelada podem ser citadas como exemplos. Algum tempo depois, o Estado construiu um mercado que ainda hoje é conhecido como Mercado do Cajueiro, forma de intervir para limpar a área.

Outro aglomerado urbano lembrado foi o Mafuá, que depois mudou de nome, homenagem feita ao proprietário de um bar batizado como Augusto Ferro. Em virtude da expansão da cidade em direção à estrada de ferro que ligava São Luís a Teresina, nasceu uma

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

espécie de feira livre onde os feirantes e pequenos comerciantes vendiam os seus produtos. Algum tempo depois, a Prefeitura de Teresina construiu um prédio para abrigá-los, e as pessoas começaram a indicar a região como o "Mercado do Augusto Ferro". Como no Cajueiro, a intervenção visava "limpar a área". Ali também existia uma "zona de prostituição, aliás, o trajeto entre a ponte sobre o rio Parnaíba e a estação ferroviária recebeu, de um lado e de outro, casas de prostituição, as quais, em sua maioria, tinham a cobertura de palha, e, por essa razão, quando se fala de incêndios, todos os bairros em torno da estrada são lembrados como os mais atingidos.

O bairro Piçarra nasceu como os dois outros aqui mencionados, mas, além da estrada de ferro, uma rodovia o cortou durante um certo período. Em meados de 1930, o governo do Estado construiu uma ponte de madeira sobre o rio Poti, sendo que o trajeto entre ela e a avenida Circular, hoje conhecida como Avenida Miguel Rosa, foi recoberta com uma camada de seixo, razão para o nome do bairro ser Piçarra.

A expansão da cidade para a zona Sul está intimamente ligada à construção da ponte sobre o rio Poti, mas um dos entrevistados, o Sr. Benedito Amorim destaca que existia um movimento de homens, animais e produtos alimentares colhidos nas roças existentes nas franjas da cidade, movimento que termina por originar uma espécie de feira livre, que aconteceu com o Mafuá. As pessoas vendiam os produtos, como ainda hoje se faz em pequenas cidades espalhadas pelo sertão nordestino.

Na Piçarra, também surge um indivíduo como monumento. Amorim lembra que Maria Maxixe aproveitou o movimento de vendas dos produtos hortigranjeiros e passou a servir café da manhã e com essa atitude, acabou lembrada como fundadora do mercado da Piçarra. Obviamente, não estamos tratando do edifício, hoje transformado em espaço onde se vende outro tipo de serviço, e sim de um local onde se negociavam produtos alimentícios sob sol ou sob chuva.

Apesar de o bairro continuar como centro comercial, está em curso a sua transformação em bairro residencial. A construção de prédios de apartamentos pode ser um sinal dessa transformação do espaço urbano regional da cidade. Os supermercados e *shopping centers* estão substituindo as pequenas casas de comércio, as quitandas e os quiosques mais antigos. O crescimento urbano terminou forçando a criação de novos bairros que tiveram como origem a Piçarra, a exemplo, do Monte Castelo, do Cristo Rei, entre outros.

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

A cidade é sempre um organismo em transformação, pois, a cada instante, há algo mais que o nosso campo de visão não consegue alcançar; por essa razão, quando se buscam as lembranças guardadas na memória de alguns atores sociais, "constrói-se" uma cidade de determinado momento. Cada ator social tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e as imagens que cada um guarda estão impregnadas de lembranças e de significados. Portanto, cada sujeito ouvido, com suas lembranças empregadas na construção desta narrativa, guarda aspectos da cidade de temporalidades distintas por razões, as mais variadas e inimagináveis.

As lembranças são provocadas, como nos lembra Pierre Nora (1995). Assim aquele que propõe as entrevistas empregando a metodologia da História Oral precisa se qualificar, em primeiro lugar, para ouvir; depois para descobrir que as informações contidas nas entrevistas não são melhores nem piores, se comparadas àquelas contidas nas fontes escritas. Elas são diferentes e, como qualquer fonte, precisam ser discutidas, interpretadas, compreendidas.

As múltiplas e variadas informações sobre as cidades do passado conseguidas através das fontes orais nos permitiram construir uma narrativa histórica sobre uma cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Agenor Barbosa. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Rio de Janeiro, 24 set. 1996.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2000.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPELO, Aldenora. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Teresina, 3 fev.1997.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **Da micro-história à história das idéias**. São Paulo: Cortez, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LINCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Jefferson Luíz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Outros Tempos, www.outrostempos.uema.br, ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209

MAGALHÃES, Joaquim Ribeiro. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Teresina, 13 dez. 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

NAPOLEÃO, Martins. **Folhas soltas ao vento**. Teresina: COMEPI, 1980.

NORA, Pierre. Entre a memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, 1993, p. 7-28.

NUNES, Manoel Paulo. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Teresina, 1 abr. 1997.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

ROUANET, Sérgio Paulo. A cidade iluminista. In: SCHIAVO, Cléia e ZETTEL, Jayme.(Org) **Memória , cidade e cultura**. Rio de Janeiro: IPHAN/Ed ERJ, 1997.

SOUSA, Benedito Amorim de. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento**. Teresina, 19 set.1997.

STAROBINSKI Jean. A literatura. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.